

Sobre a situação das artes performativas em Portugal nos últimos três anos eu penso o seguinte:

1. Socialmente:

Estamos a assistir e a viver uma mudança de paradigma social nos últimos três anos - que vem um pouco mais detrás no tempo desde 2001 pelo menos - que era um paradigma oriundo dos anos noventa que perdurou até ao início desta década.

Na década de noventa o experimentalismo dos novos criadores, seja nos meios de produção seja nos meios de criação opôs-se ao paradigma das companhias anteriores.

Houve nesses anos uma tentativa de ruptura com o passado uma estética do "não" que se fundava numa nova geração de criadores e numa posição de Portugal perante uma Europa que olhava cá para dentro.

Portugal precisava de uma nova imagem de si para si e de si para fora - para dizer que era moderno e capaz de sobreviver num novo mundo Europeu.

Aos criadores foi-lhe pedido que criassem essa nova imagem de um Portugal jovem e criativo, audaz e capaz de se ombrear com os outros. Isto modificou-se claramente nos últimos anos e esse sonho europeu diluiu-se ou deixou de ser motivador de per si.

Nos últimos três anos modificaram-se os meios de produção que introduziram fortes influências directas na expressão artística dos novos criadores e nos que já estavam afirmados anteriormente.

Os meios de produção passaram a dominar as intenções e os processos de criação dos criadores cada vez mais.

Sobre os processos criativos também se verificam alterações nos objectivos a atingir e na consequente mensagem e posicionamento social dos criadores - principalmente nos mais novos - o que veio introduzir uma grande pressão no meio.

Entrou-se num momento em que sobreviver ao dia a dia se sobrepõe a qualquer plano ou objectivo mais longínquo.

2. Artisticamente:

- diminuição e ou alteração do carácter experimental das propostas existentes;

- diluição das propostas de autor em prol de propostas viradas para um teatro narrativo e "popular" com influências claras dos géneros narrativos oriundos da televisão - é o chamado teatro do dia a dia;

- deixou de existir uma mensagem interventora artística e política e passou-se para uma mensagem mais lúdica e mais igualitária e

fraterna nos seus propósitos e ambições;

- no meu entender está a desenvolver-se uma "estética do medo" que é baseada num pressuposto de igualdade entre tudo e entre todos os participantes - incluindo criadores e público - que coarctas as decisões e as tomadas de posição conduzindo a uma diluição das hierarquias;
- os criadores estabelecidos fecharam-se sobre si próprios e não promovem uma consciência colectiva ou de maior abrangência social - isto é visível na programação - seguem modelos que foram iniciados à longo tempo sem necessidade de alteração;
- existe mais público, mais formação, mais espaços de divulgação e mais organização no meio - o que é bom mas insuficiente para aquilo que a sociedade portuguesa necessita;
- muita desta quantidade não gerou um acréscimo de qualidade;
- existem criadores que têm começado a procurar meios de produção alternativos incluindo a internacionalização;
- existem muitos criadores que estão à beira de desistir e muitos outros que tiveram de modificar os seus modos de produção e de sobrevivência;
- existem cada vez mais criadores a fazer diversas actividades para poderem sobreviver e continuar a sua actividade artística - o que também tem introduzido novas temáticas na criação;
- tem-se desenvolvido uma forma de criação subterrânea - uma espécie de "eu vou ser como a toupeira" - por alguns artistas que me parece ser a resposta mais coerente e artística que se pode dar nestes tempos.

3. Politicamente:

- o estado tem contribuído com um grande desinvestimento na importância, no rigor, no apoio e na credibilidade das áreas artísticas em geral e nomeadamente nesta área que não sobrevive sem um claro empenho político e social;
- o orçamento do estado tem diminuído e apesar de haver algumas contrapartidas de autarquias e outras instituições assiste-se a uma perda efectiva de espaço de manobra;
- tem-se investido num paradigma de formação do público e das populações - que tem recaído sobre os criadores como bóia de salvação - que tem dominado muito dos objectivos e das mensagens dos espectáculos criados;
- os teatros nacionais têm perdido o seu lugar moral e de representação que num momento como este é fundamental para se defender a qualidade e o exemplo da criação portuguesa e internacional;
- a capacidade de reflexão sobre a sociedade e sobre o meio em que

vivemos tem sido alienado e ofuscado tanto pelos políticos como pelos criadores - em prol de uma sobrevivência ilusória;
- assiste-se sem reacção colectiva a uma progressiva perda de sentido dos projectos de longo prazo, de semear agora para se poder recolher dividendos daqui a um tempo que tem de ser necessariamente longo.

4 Ironicamente:

- as revoluções são ideias românticas;
- os heróis querem é ir para a cama fazer filhos e dormir;
- os cobardes a mesma coisa;
- os outros querem é subsídios;
- os melhores anarquistas são banqueiros cheios de massa;
- estamos a perder a liberdade;
- a guerra vem aí não tarda;
- enterrem-se os mortos, matem-se os feridos e limpe-se o resto da porcaria;
- faça-se teatro de qualquer maneira até de olhos fechados se for preciso.

João Garcia Miguel – Outubro de 2088